

A FORMAÇÃO MUSICAL E PEDAGÓGICO-MUSICAL DE ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

CORRÊA, Juliane Riboli

Projeto de Mestrado

Universidade Federal de Santa Maria – Mestrado em Educação

julianeribolicorrea@yahoo.com.br

RESUMO: O presente projeto de pesquisa está vinculado à Linha de Pesquisa Educação e Artes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM) e ao grupo de estudos Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical (FAPEM). As pesquisas a respeito da articulação da Educação Especial e a Educação Musical têm, gradativamente, obtido visibilidade. Por esta razão, trago este projeto, que já está em andamento e tem como tema norteador a formação musical e pedagógico-musical de estagiários de Educação Especial. A revisão de literatura focaliza a Educação Especial, a Educação Musical Especial, a experiência na formação e a formação-ação de professores trazendo autores como Josso (2010), Larrosa (2002). Como aporte metodológico articula-se a pesquisa participante à pesquisa formação (JOSSO, 2010b), no sentido de enfatizar que, neste trabalho investigativo, os envolvidos (pesquisador e pesquisados) são participantes do processo de construção dos dados.

Palavras-chave: Experiência; Educação Especial; Educação Musical; Formação.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar este projeto de pesquisa trago em minha memória alguns caminhos que me constituíram no que sou hoje e isso é estimulante e desafiador. Percebo, revendo minha trajetória, que aos poucos os fatos, as impressões, as pessoas, as instituições, os acontecimentos que foram experiências para mim, reverteram-se em formação humana e profissional. Então, ao olhar a minha vida, toda recheada, conduzida e envolvida pela música, percebi que essas experiências musicais foram tão fortes, agradáveis e marcantes que tê-la em minha prática era algo intrínseco, nem questionava a sua importância, pois estava naturalizada em mim a sua existência.

Foi então que no ano de 2010 recebi uma mestranda, orientanda da professora Cláudia Ribeiro Bellochio, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, a qual queria realizar uma entrevista. Na oportunidade, a aluna mencionou as dificuldades que observara em sua pesquisa a respeito da Educação Musical na docência da Educação Especial em Santa Maria. Em sua dissertação relatava que não existe um consenso entre as professoras de Educação Especial sobre música, mas muitos e variados pontos de vista, que se dão de acordo com suas diversas vivências.

Assim, estimulada a pensar acerca de minha prática, trazendo partes da minha vida pessoal e profissional, estas constatações transformam-se nos inúmeros questionamentos que

fundamentam e conduzem este projeto: Por que a música é pouco utilizada ou o é de maneira secundária na Educação Especial na realidade educacional de Santa Maria? Os professores de Educação Especial passaram por experiências musicais que representaram uma formação em sua trajetória? Onde tiveram e quais foram suas experiências musicais? Lembram se elas existiram? Se existiram como foram? Podem ser resgatadas e reelaboradas? Se não existiram ainda é possível vir a tê-las? De que forma? Com que objetivos?

Diante das questões acima apresentadas, surge o problema desta pesquisa que está centrado na investigação da formação-ação musical e pedagógico-musical dos professores de Educação Especial, mediada por um grupo de formação. Esse problema apresenta-se na seguinte questão:

- Como pensar um Grupo de formAção¹ musical e pedagógico-musical para alunos em fase de estágio final de Educação Especial, como mediador de experiências formativas que potencializem ações em suas práticas pedagógicas?

Procurando possibilidades para produzir conhecimentos e ações pedagógicas, buscando refletir sobre essa questão de pesquisa, apresento como objetivo geral:

- Compreender como se constitui a formAção musical e pedagógico-musical de estagiários de Educação Especial.

Para discutir acerca deste objetivo de pesquisa, apresento como delineamentos de buscas e reflexões os seguintes objetivos específicos:

- i) Pesquisar, através de um Grupo de formAção musical e pedagógico-musical para estagiários de Educação Especial, as relações entre música e as práticas docentes em Educação Especial.
- ii) Problematizar a Educação Musical nas ações docentes pedagógico-musicais de estagiários de Educação Especial.
- iii) Refletir acerca da formAção musical e pedagógico-musical de estagiários de Educação Especial.

1 A EDUCAÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Início este tema com o seguinte questionamento: Como estas duas áreas – Educação Musical e Educação Especial - se entrecruzam? Elas se comunicam tanto em termos de pesquisa como em termos de teorias e ações?

¹ Neste projeto utilizarei o termo formAção para designar o processo de formação-ação.

Utilizar a música não só como recurso, mas como linguagem, conhecimento e forma de expressão, potencializa aprender e ensinar na Educação Especial e na Educação Musical. Incluir a música na Educação Especial é possibilitar o desenvolvimento musical e global dos indivíduos.

Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados, traçando paralelos entre o desenvolvimento e o exercício da expressão musical, resultando em propostas que respeitam o modo de perceber, sentir e pensar, em cada fase, e contribuindo para que a construção do conhecimento dessa linguagem ocorra de modo significativo. Como menciona Finck (2009, p. 106): “Ser musical não é privilégio de seres especiais e bem dotados, mas possibilidade do homem como ser”.

Segundo Brito (2003), a música é a promotora da integração do ser humano com o ambiente e a cultura. É acontecimento que se atualiza pela ênfase no sentido da audição, pela transformação no modo de se relacionar com o sonoro, com o universo de sons e silêncios, remetendo para o território da experiência estética. Nesta perspectiva, o educando deve ser respeitado em seu universo cultural, seu conhecimento musical prévio, bem como em suas necessidades e interesses.

Portanto, possibilitar que a Educação Musical se articule com a Educação Especial é mediar aos indivíduos o desenvolvimento de suas capacidades de decidir, de agir, de modificar sua formação, de se superar, de realizar algo que possam representar um encontro diferente com o mundo.

Então, mais do que nunca, utilizar a música em toda a extensão de possibilidades que ela oferece é possibilitar aos alunos da Educação Especial uma oportunidade diferente de aprender, uma forma de conhecimento, linguagem, estética, arte e expressão, além de lhes auxiliar na superação de suas dificuldades, anseios e salientar suas eficiências.

A música acontece enquanto uma ação mental sobre o mundo e se realiza como uma forma do homem entender, organizar, classificar, interagir, manipular e ser manipulado, construir, desconstruir, enfim, uma forma de se relacionar com o mundo (SAMPAIO, 2002, p.1).

Assim, faz-se necessário uma reflexão e mobilização maior sobre o sistema no qual a Educação Musical está inserida para que esta possa fazer jus à importância que lhe é dada no contexto educativo e especialmente na Educação Especial. Saber da importância da música, de sua relevância no desenvolvimento de potencialidades musicais, artísticas, cognitivas, sócio afetivas, psicomotoras, estéticas, expressivas de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades, traz a necessidade de colocar

a Educação Musical em contato direto com a Educação Especial. Incluir a Educação Musical na Educação Especial trará benefícios a ambas as áreas e a todos os envolvidos neste processo (profissionais da música, da educação, da Educação Especial, dos alunos, da escola, pais e comunidade escolar).

2 PENSANDO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM DIÁLOGO COM A FORMAÇÃO MUSICAL

Abordar o tema formação docente é algo que há muito tem despertado o interesse e a discussão de quem pensa e faz a educação, no intuito de resgatar o estado da arte da formação docente e criar fundamentos para a construção de uma prática pedagógica com critérios alicerçados em conhecimentos de uma profissão: Ser professor. Esta profissão realiza-se em um espaço específico que é o espaço escolar e requer conhecimentos e práticas específicas que a profissão demanda.

A formação perpassa a profissão de ser professor desde a sua constituição como pessoa a partir das experiências que o tocam, que o modificam.

Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação (MOITA, 1992, p. 115).

Formamo-nos no percurso de nossa vida, pelas escolhas e decisões, pelas internalizações que fazemos de nossas experiências, por nossas expectativas, conquistas e frustrações, alegrias e tristezas, pelo que nos toca, tanto positiva quanto negativamente, pelas impressões que cada vivência nos traz, por quem nos acompanha, pelos valores que temos, pelo meio em que estamos inseridos que nos exige, nos impulsiona, nos limita e nos permite. A formação norteia todos estes processos. Nesse sentido: “A aprendizagem experiencial e a formação se integram visto que estão alicerçadas na prática, num saber-fazer com as experiências e pelas experiências” (JOSSO, 2010a, p. 13).

De acordo com Dewey (1976), a educação é um processo de reconstrução e reorganização da experiência presente para a construção de experiências futuras. A capacidade humana de reter o aprendizado de uma experiência é intrínseca ao seu desenvolvimento. Aprender é uma condição permanente; é a forma pela qual o homem cresce, mesmo quando o seu desenvolvimento biológico já se completou. Ainda, segundo Dewey (1976), a primeira condição para o crescimento é a imaturidade, não entendida como ausência ou falta, mas como força de desenvolvimento:

Não basta insistir na necessidade da experiência, nem mesmo em atividade do tipo experiência. Tudo depende da qualidade da experiência por que se passa. [...] Assim como nenhum homem vive ou morre para si mesmo, nenhuma experiência vive ou morre para si mesma. Independente de qualquer desejo ou intento, toda experiência vive e se prolonga em experiências que se sucedem (DEWEY, 1976, p. 16).

Neste sentido, trago em conjunto com a ideia de Dewey (1976), a contribuição de Jorge Larrosa que traz para os dias atuais a discussão a respeito da experiência.

Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, 'o que nos passa'. Em português se diria que a experiência é 'o que nos acontece'; em francês a experiência seria 'ce que nous arrive'; em italiano, 'quello che nos succede' ou 'quello che nos accade'; em inglês, 'that what is happening to us'; em alemão, 'was mir passiert'. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2002, p. 21).

Portanto, toda experiência é formadora. Toda experiência constrói uma formação. Pois se é uma experiência, ela forma por sua capacidade de mobilizar o ser humano e levar a internalizações de conhecimentos. Se há desejo em transformar, em prosseguir, em conhecer, significa que a experiência se constituiu. Por isso é que a experiência tomou uma perspectiva tão marcante na formação.

Tendo em conta todas estas questões na formação, se questiona se as ações previstas na legislação vislumbram estes aspectos tão importantes.

Na Resolução CNE/CEB n. 02/2001 (BRASIL, 2001), consta que os professores que trabalham com alunos "que apresentam necessidades educacionais especiais" podem seguir dois modelos distintos: os capacitados e os especializados, mencionados nos parágrafos 1º, 2º e 3º do artigo 18. No parágrafo 1º definem-se as competências que devem ser desenvolvidas nos chamados professores capacitados. No artigo 18, parágrafo 2º e 3º da Resolução são destacados alguns aspectos a respeito do professor especializado.

Na Resolução, consta ainda que a formação continuada poderá ser a modalidade utilizada para formar os professores que já estejam atuando. O mesmo documento não especifica quanto ao número de horas de formação, e coloca sob os estados e municípios a responsabilidade formativa.

Penso que a formação de professores proposta pela política educacional brasileira não garante a superação da exclusão. Estar na escola não significa a garantia de vivenciar processos de aprendizagem. Muitos alunos são colocados à margem do conhecimento por não serem consideradas as suas diferenças, sua forma peculiar de aprender, de ser e agir. Estão na escola “incluídos”, mas excluídos do processo de aprendizagem no âmago da escola. Além de reformulações no projeto político pedagógico, de mudanças na estrutura, faz-se necessário que se possibilite formação aos professores, para que estes sejam agentes, devidamente capacitados de inclusão, tanto escolar quanto no âmbito da aprendizagem.

Neste contexto, a experiência musical na formação dos professores de Educação Especial poderia trazer grandes contribuições.

3 METODOLOGIA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa os caminhos que pretendo percorrer fundamentam-se na pesquisa participante, especificamente, na pesquisa-formação fundamentada por Josso (2010b, p. 71):

Qualificamos esse cenário de “pesquisa-formação” porque a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano de aprendizagens reflexivas e interpretativas e toma lugar, no seu percurso de vida, como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto (s) de vida e sua (s) demanda (s) de formação atual.

Encontro-me imersa neste processo de experiências, histórias pessoais de vida e formação, e por esta razão, a expectativa de conectar-me com as pluralidades e singularidades e percorrer em conjunto com os outros participantes da pesquisa um caminho de busca de si é imensa no sentido de perceber, na formAção, possibilidades do fazer e refazer constantemente.

A pesquisa participante é um importante instrumento de trabalho na construção do conhecimento que tem como objetivo compreender, intervir e transformar a realidade. O pressuposto é simples: todo ser humano é em si mesmo e por si mesmo uma fonte original e insubstituível de saber. Neste sentido, ela oferece um repertório de experiências destinadas a superar a oposição sujeito/objeto, pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido no interior dos processos de produção coletiva do saber, visando, a seguir ações transformadoras (BRANDÃO, 1992, p. 21).

Desta forma, a pesquisa transforma-se em momento de opção por caminhos, em fazer escolhas que se amparam nas experiências pessoais e nas expectativas de cada um, podendo potencializar um ‘caminhar para si’ enquanto é gestada a formAção.

Para compreender o processo de formação musical e pedagógico-musical destes estagiários de Educação Especial na relação com a sua docência, pretendo conhecer as experiências musicais vivenciadas e internalizadas; discutir, problematizar junto ao grupo, acerca das relações entre música e as práticas docentes em Educação Especial; entender como ocorre o desenvolvimento de processos pedagógico-musicais de estagiários de Educação Especial; refletir acerca da formação musical e pedagógico-musical das de Educação Especial.

Como instrumentos desta pesquisa, trago dados multifocais. O primeiro e mais importante instrumento desta pesquisa é a concretização de um “Grupo de formação musical e pedagógico-musical” o qual é um espaço para socializar, avaliar, refletir, formular conjuntamente (pesquisador e pesquisados) a respeito da formação e das ações pedagógico-musicais de estagiários de Educação Especial. O grupo já está em fase de reunião semanal, chegamos a 4 reuniões que comportam 4 horas de debates, discussões, práticas e experiências musicais. A expectativa é realizar 10 encontros.

Unindo-se a formação deste grupo, a entrevista narrativa foi utilizada nas duas primeiras reuniões a fim de conhecer as experiências musicais e pedagógico-musicais anteriores à formação do grupo. As conclusões a que cheguei, através das narrativas das alunas, é que suas vivências foram fora do ambiente escolar, através de envolvimento em Igrejas, com algum amigo que toca e canta, mas as vivências não foram construtoras de experiências.

O diário de campo está sendo utilizado para registrar, documentar as reflexões, proposições e impressões no decorrer das reuniões do grupo de aprendizagem. Este instrumento consiste em uma forma de registro de observações, comentários e reflexões para uso individual do pesquisador e dos pesquisados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 2 de 11 de setembro de 2001**. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/resolucaocne.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

BRANDÃO, C. R. **Escritos abreviados**. São Paulo: Atlas, 1992.

BRITO, T. A. **Educação Musical: uma caixa de música**. (2003) Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/falaoutraescola/resumos-palestrantes>>. Acesso em: 30 abr. 2011.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. São Paulo: Nacional, 1976.

FINCK, R. **Ensinando música ao aluno surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva**. Tese de Doutorado- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EdipucRS, 2010a.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010b.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p.20 a 28, 2002.

MOITA, M. da C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1992, p. 111-140.

SAMPAIO, R.T. **Novas perspectivas de comunicação em musicoterapia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.